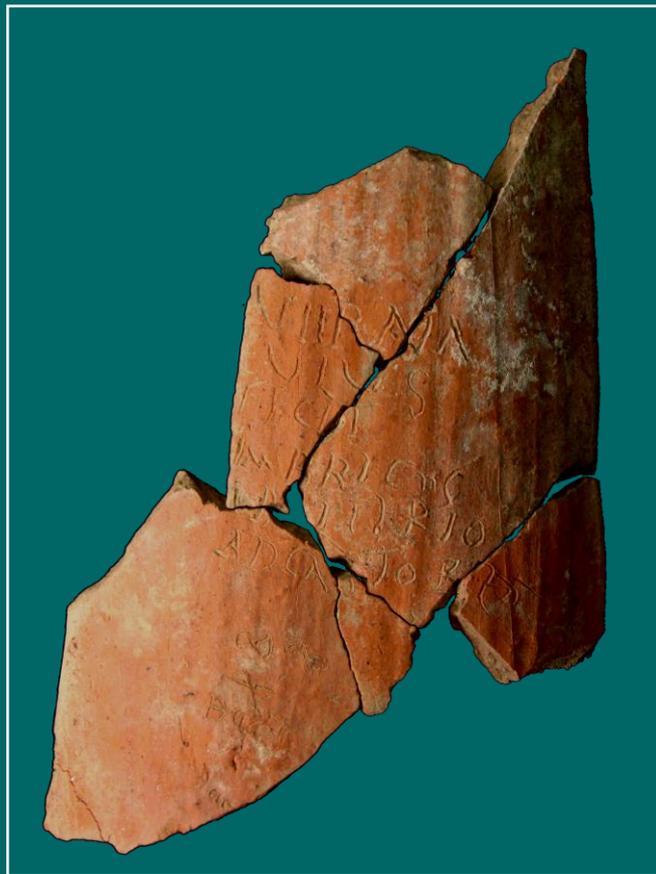


ABELTERIVM

REVISTA ONLINE DE ARQUEOLOGIA E HISTÓRIA DO
MUNICÍPIO DE ALTER DO CHÃO

I



ABELTERIVM

VOLUME I | MAIO | 2014

Título: Abelterium
Revista Online de Arqueologia e História
do Município de Alter do Chão

Propriedade e Edição: Município de Alter do Chão

Comissão Editorial: Jorge António
Luís Santos
Maria Cecília Rosalino

Periodicidade: Anual (Dia do Município)

Temas: Arqueologia e História do concelho de Alter
do Chão

Concepção Gráfica e Paginação: Jorge António

Contactos: abelterium.revista@cm-alter-chao.pt
245 610 000 / 328

Textos: Ângela Barrigó
Guillermo de la Peña López
Joaquim Garcia
Jorge António
José d'Encarnação
Maria Filomena Barata
Maria Pilar Reis

Agradecimentos: Diana Carvalho
Hermínia Santos
Vítor Hugo Sacadura

ISSN: 2183-3052

Nota: Todos os direitos reservados de acordo com
a legislação em vigor.

O Município de Alter do Chão respeita
integralmente os textos originais dos
autores pelo que os mesmos são da
exclusiva responsabilidade dos signatários.

A POPULAÇÃO ROMANA DE ALTER DO CHÃO

José d'Encarnação

RESUMO:

Ainda que escassos, os monumentos epigráficos identificados no termo de Alter do Chão permitem-nos concluir que *Abelterium* detinha uma população bem conhecedora dos modelos culturais romanos. Realce-se também o elevado interesse histórico do grafito representado na Fig. 8.

PALAVRAS-CHAVE:

Abelterium, Alter do Chão, antroponímia, religião romana, grafito.

ABSTRACT:

The few epigraphic monuments identified at the Alter do Chão territory let us conclude that the Roman *Abelterium* had a population with high cultural level. We note the very important information given by the Fig. 8 inscription.

KEY WORDS:

Abelterium, Alter do Chão, Roman anthroponomy, Roman religion.

Constituem os monumentos epigráficos fonte primária para se ter uma ideia acerca do estatuto social, da origem e, até, juntamente com as manifestações artísticas, do grau cultural de uma população, quer na actualidade quer, sobretudo, ao tempo dos Romanos, uma vez que, para essa época, os outros documentos disponíveis escassa informação podem fornecer.

Não sendo meu objectivo dar uma ideia pormenorizada e esclarecedora acerca das pessoas cuja memória ficou registada nas pedras epigrafadas identificadas, até ao momento, no aro de Alter do Chão, seja-me, porém, lícito traçar delas uma panorâmica muito genérica, na expectativa de, um dia, com mais vagar, se explicitarem noções assim aqui exaradas, baseando-me tão-somente no que até agora se publicou.

No livro *Inscrições Romanas do Conventus Pacensis*,¹ indiquei como provenientes de Alter do Chão:

– IRCP 614: o altar votivo a uma divindade reconhecida (o campo epigráfico encontra-se muito desgastado), de granito, proveniente de Reguengo e que tive ensejo de analisar numa arrecadação da coudelaria.² Do dedicante apenas se sabe que era filho de Avito, o que denota uma onomástica de tipo indígena.

¹ José d'ENCARNAÇÃO, *Inscrições Romanas do Conventus Pacensis – Subsídios para o Estudo da Romanização*. Coimbra. [= IRCP]. Acessível em: <http://hdl.handle.net/10316/578>.

² Encontra-se exposta no Centro Interpretativo da *Villa Romana da Casa de Medusa*.



Fig. 1: IRCP 614

– IRCP 630: estava, ao tempo (década de 70 do século passado), a servir de tampo de mesa na Quinta da Cerca, adjacente ao Convento de S. António, partindo-se do princípio que das proximidades fora procedente.³ O texto lê-se bem e dá conta de que o pai (*pater*), também ele *Avitus* de seu nome, tratou de mandar fazer o epitáfio do filho, *Severus*, falecido com apenas vinte anos.



Fig. 2: IRCP 630

– IRCP 631: estudei no Museu de Elvas,⁴ esta estela funerária, de grauvaque, rudemente afeiçoada, com um metro de altura, 65 cm de largo e apenas 8 cm de espessura, achada na ermida de S. Pedro, perto de Alter Pedroso⁵. É o epitáfio singelo de Sica, filha de Melão (*Maelo*, em latim). Nada mais se acrescenta, a não ser «aqui jaz»: nem idade, nem nome de dedicante; e o nome da defunta vem em genitivo: «de Sica», subentendendo-se que estamos perante a sepultura dela. Pela simplicidade do texto e pelo modo como as letras estão grafadas (a paleografia), datei o monumento da primeira metade do século I da nossa era, equivalendo, pois, à primeira leva de habitantes da região, nos primórdios dos seus contactos com os romanos, dado que os antropónimos são claramente de etimologia pré-romana, lusitana mesmo (se assim se pode dizer), ainda que escritos em língua latina e usando formulários latinos.

³ Informou-me Jorge António, em Setembro de 2009: «Foi encontrada, em 1948, sobre uma sepultura, a servir de tampa e com o texto virado para baixo, quando se abria o caminho de acesso da EN. 369 à Casa da Quinta da Cerca.» Encontra-se actualmente na dita casa, localizada junto à Necrópole Tardo-Antiga da Quinta da Cerca, junto ao Infantário da Santa Casa da Misericórdia de Alter do Chão.

⁴ Depois das obras de remodelação do museu, foi embutida na parede da Biblioteca Municipal de Elvas.

⁵ Aproveito o ensejo para corrigir um lapso que cometi na nota da p. 690 de IRCP: Tomás Pires, no seu «Catalogo do Museu Archeologico de Elvas» (in *O Archeologo Portuguez*, 6, 1901, p. 209-236), ao referir-se a esta epígrafe (p. 216-217), diz expressamente «encontrada à superfície do terreno no sítio de S. Pedro, próximo de Cabeço de Vide» e não 'de Castelo de Vide' como transcrevi.

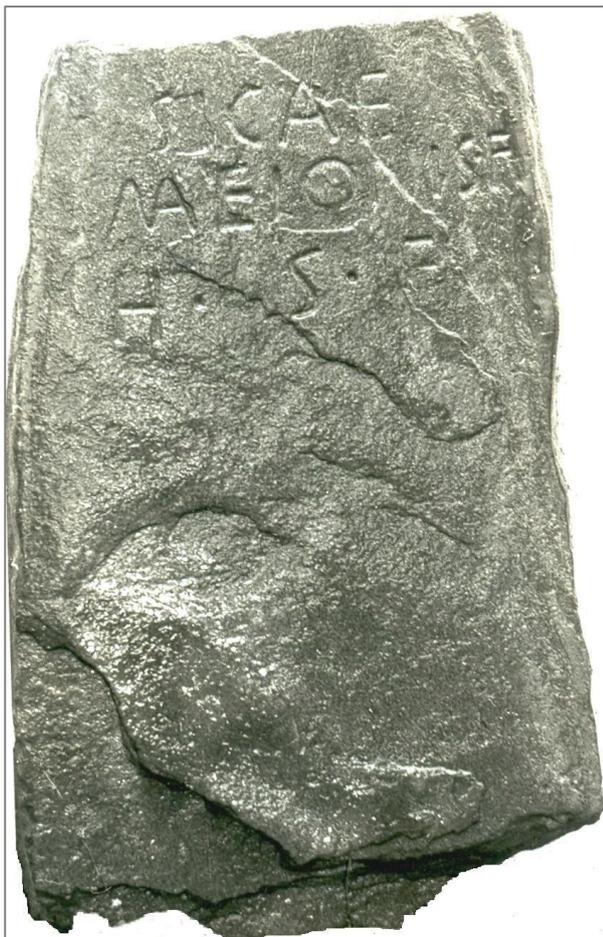


Fig. 3: IRCP 631

– IRCP 635: vi esta ara, de granito róseo da região, em Agosto de 1982, numa arrecadação do Monte de Vila Formosa, Seda.⁶ Fora encontrada num local chamado Passareira dessa freguesia. O campo epigráfico estava já bastante maltratado; em todo o caso, creio que o nome do dedicante que propus, depois de aturada observação da pedra e, posteriormente, da foto, se pode considerar aceitável: *Tanginus*, filho de *Lubaecus*. Estaremos, mais uma vez, perante alguém que se identifica à maneira indígena: um só nome seguido do patronímico; e ambos de etimologia pré-romana.⁷

⁶ Está exposta no Centro Interpretativo da *Villa Romana* da Casa de Medusa.

⁷ As dúvidas que me surgiram aquando da publicação no que respeita ao nome *Lubaecus* derivaram, de modo especial, por ser um nome raro; contudo, já se conhecem hoje mais testemunhos: o *Atlas Antroponímico de la Lusitania Romana*, coordenado por Milagros NAVARRO CABALLERO e José Luís RAMÍREZ SÁDABA (Mérida – Bordéus 2003), apresenta, para além deste, 10 registos, todos eles desta área da Lusitânia; contudo, o cotejo desses testemunhos com os que se encontram na base de dados <http://www.eda-bea.es/> (não são inteiramente



Fig. 4: IRCP 635

– FE 238: Ao Dr. Dias Diogo ofereceram, em Agosto de 1985, a parte inferior de uma ara funerária,⁸ achada em São Pedro, do mesmo local, portanto, donde proviera IRCP 631. O mau estado da superfície epigrafada impede-nos de confirmar a leitura proposta, dado que, por outro lado, não foi fácil efectuar uma fotografia mais clarificadora. Em todo o caso, a presença de um adjectivo no grau superlativo (mui provavelmente *pietissimus*), usual apenas em contextos funerários, permite-nos concluir que estamos perante um epitáfio, sendo de salientar a distração do lapicida

coincidentes) poderá vir a trazer algumas surpresas; veja-se, por exemplo, que é também um *Tanginus*, filho de *Lubaecus*, que manda erigir um altar a Júpiter, achado em Ade, concelho de Almeida, na Beira Alta portuguesa, cuja epígrafe apresenta, aliás, idêntica estrutura textual (a identificação do dedicante antecede a da divindade: cf. registo nº 22954 daquela base de dados e *Hispania Epigraphica* 2, 1990, nº 790).

⁸ Cf. DIOGO (A. M. Dias), «Estela funerária de São Pedro (Alter do Chão)», *Ficheiro Epigráfico* 52 1996 nº 238. O monumento foi, na altura, depositado no Instituto Português do Património Cultural, sendo, hoje, o seu paradeiro desconhecido no seio da instituição. Dias Diogo optou pela classificação de “estela”, mas afigura-se-nos que se trata, na verdade, de uma ara, pelo tipo de molduração, muito semelhante ao que é habitual em idênticos monumentos identificados em Alter.

ao grafar POSVVIT, em vez de POSVIT (com um V apenas). Enquanto se não lograr decifrar algum dos nomes que estão nas primeiras linhas, este monumento apenas contará, portanto, quase para efeitos estatísticos.

O mesmo se não poderá, contudo, dizer acerca da eloquente placa de *Sentia Laurilla* a que recentemente se tem feito referência,⁹ pois ela se enquadra perfeitamente nos parâmetros, que, atrás, da mera enunciação de antropónimos se depreendem. É que o seu epitáfio reza o seguinte, traduzido para português:

Aqui jaz Sência Laurila, filha de Tangino, de oitenta e cinco anos. Que a terra te seja leve. Os herdeiros, Sêncio Sádala, Sência Repentina, mandaram fazer por testamento.

Fig. 5: FE 238



Fig. 6: Epitáfio de *Sentia Laurilla*

⁹ Cf. – Jorge ANTÓNIO e José d'ENCARNAÇÃO, «Epitáfio de *Sentia Laurilla*, de Alter do Chão», *Ficheiro Epigráfico* 81, 2006, nº 362; e, dos mesmos autores, «Epitáfio de *Sentia Laurilla*», *Fragmento* (Boletim de Arqueologia e História do Município de Alter do Chão), nº 4, Dez 2007, p. 1 e 10-11. O monumento está exposto no Centro Interpretativo da *Villa Romana da Casa de Medusa*.

A defunta pertence a uma família ilustre, a *Sentia*, já documentada, por exemplo, em magnífica estela, elegantemente decorada, de *Ammaia*.¹⁰ E é uma indígena romanizada, que nunca teve, porém, vergonha das suas origens, pois vem identificada com o patronímico lusitano *Tanginus*, já atrás documentado, como vimos. São os seus dois libertos, que estatuiu como herdeiros, que – em consequência de disposição testamentária – lhe erigem o monumento funerário a perpetuar a sua memória. E isto prova adequado conhecimento dos procedimentos jurídicos romanos.

No que diz respeito à onomástica dos libertos (para já não falar da ampla conotação cultural de *Laurilla*, relacionável com o louro da vitória e da inteligência), dir-se-á que *Sadala* é nome de ressonâncias da parte oriental do Império, pois que identificou um rei da Trácia; e *Repentina* é de uso raro, mas com um significado preciso: a que tem sempre a resposta pronta, na ponta da língua, ou a expedita na execução de tarefas...

Bastaria o texto desta placa para mostrar não apenas o elevado nível cultural a que parte significativa da população de *Abelterium* logrou atingir e bem o patenteia, mas ainda, e não de somenos importância, a forma como, paulatinamente, os costumes se entrelaçaram em pacífica convivência: indígenas e romanos recém-chegados.

Há, no entanto, uma outra árula votiva, de mármore branco do tipo Estremoz/Vila Viçosa, identificada, em 2004, quando se procedeu ao desentulhamento do sítio que funcionara como aterro municipal. Terá sido, certamente, encontrada durante as obras efectuadas numa casa de Alter do Chão e atirada para aí, juntamente com os detritos. A superfície encontra-se muito gasta, de forma que, para além da fórmula final, perfeitamente latina, EX VOTO POSVIT («colocou por voto»), apenas se afigura possível sugerir, para o nome da dedicante, *Amilia Urbana*, sendo, porém, duvidoso o gentílico (por não termos outros testemunhos) enquanto o *cognomen Urbana* nos remete, de novo, para um ambiente de algum nível cultural.¹¹

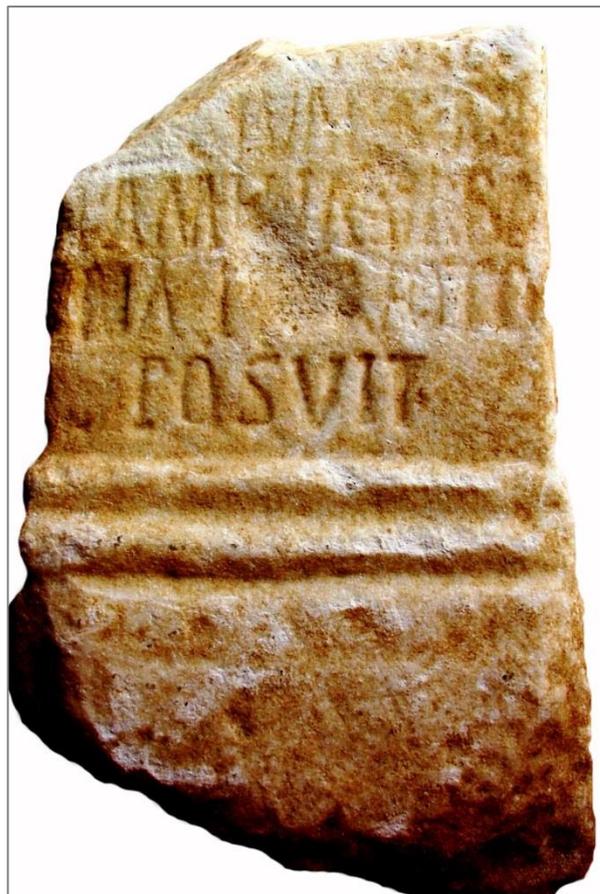


Fig. 7: Árula votiva de *Amilia Urbana*

Do elevado interesse histórico do grafito exarado pelo oleiro *Vernaculus* numa telha (*imbrex*), a anotar os quantitativos de cada fornada, se fala noutro texto; mas anote-se, desde já, que se trata de um nome não muito frequente: Iiro Kajanto¹² refere a menção de quatro homens com esse nome, um dos quais liberto, no conjunto do *Corpus Inscriptionum Latinarum*, sendo, porém, dez as mulheres que o usam, cinco das quais na Península Ibérica, o que denota a vontade de serem conotadas como «nativas».

Assim, todos estes monumentos, apesar de não abundantes, acabam por ser deveras significativos no que concerne à caracterização da população que viveu em *Abelterium*: o aglomerado urbano (cujas categorias administrativas ainda estão por definir), ponto de passagem de uma via principal de ligação à capital da Lusitânia (*Augusta Emerita*), oferecia, já nessa altura, óptimas condições para a fixação das gentes. E, pouco a

¹⁰ Cf. MANTAS (Vasco Gil), «Novidades epigráficas de *Ammaia* (S. Salvador de Aramenha, Marvão)», in Claudine AULIARD et Lydie BODIOLU (dir.), *Au Jardin des Hespérides – Histoire, Société et Épigraphie des Mondes Anciens (Mélanges offerts à Alain Tranoy)*, Presses Universitaires de Rennes, 2004, p. 87-105 (sobretudo p. 92-9, com mapa de distribuição das ocorrências deste gentílico na p. 96).

¹¹ Cfr. ANTÓNIO (Jorge) e ENCARNAÇÃO (José d'), «Árula votiva de Alter do Chão», *Ficheiro Epigráfico* 88 2009, nº 401. Manuela Alves Dias, nos índices de FE 100, propôs a

reconstituição *Camilia*; contudo, o que se vê na lápide não nos permite aceitar sem reservas essa opção.

¹² *The Latin Cognomina*, Roma, 1982 (reimp.), p. 312.

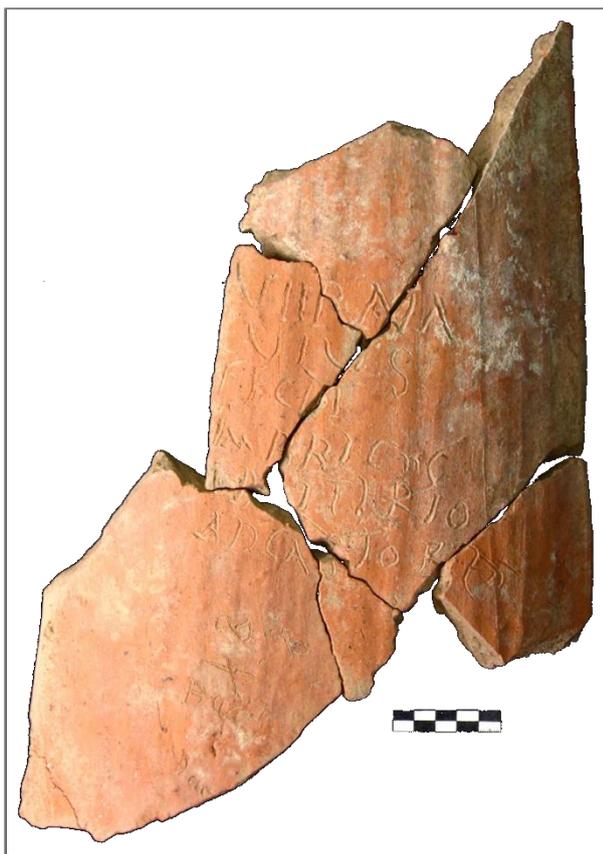
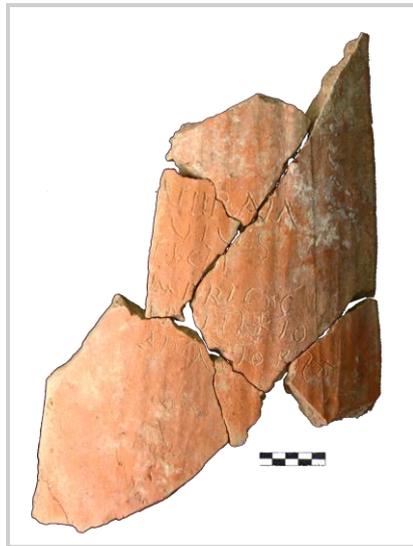


Fig. 8: *Imbrex de Vernaculus*

pouco, a população foi aumentando, a ligação entre autóctones, passantes e imigrantes foi-se consolidando, nomeadamente através de laços conjugais. Manteve-se, ao que parece, o culto às divindades tradicionais, no respeito pelo que já vinha de antanho, ainda que as manifestações de culto adoptassem também roupagens novas.

Correlacionando estes dados epigráficos dos primórdios do Império com as descobertas arqueológicas e, de modo especial, com o esplêndido mosaico demonstrativo de resplandecente brilho cultural ainda em pleno século IV, temos, pois, a demonstração clara de uma população florescente – a evidenciar, portanto, uma longa preferência das gentes por um território singular.

ARQUEOLOGIA E HISTÓRIA



ALTER DO CHÃO

FOICIDADEMUITOOPPULENTANAANTIGUI
DADEOSROMANOSAFUNDARAMPELOSAN
NOSDOMUNDO3800(204ANTESDEJESUSCHR
ISTO)OUTROSASUPPÕEMFUNDAÇÃOUIT
OMAIANTIGA(DOSTURDULOSOUDOSCEL
TAS)EQUEOSROMANOSSÓAAAMPLIARAMEA
FORMOSEARAMCOMTEMPLOSEEDIFICIOS